

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE LEONARDO COIMBRA

Manuel Cândido Pimentel
Universidade Católica Portuguesa
E-mail: cpimentel@fch.lisboa.ucp.pt

Resumo: O presente ensaio procura dar conta dos fundamentos filosóficos da teoria e da prática educativas em Leonardo Coimbra. Defende que a sua filosofia da educação é de cariz humanista e personalista e se consubstancia numa *paideia* que visa a educação integral do ser humano.

Palavras-chave: Educação, Cultura, *Paideia*, Criacionismo.

1. Considerações iniciais

O tema da educação e o problema educativo atraíram Leonardo Coimbra desde a sua juventude e projetar-se-iam na maturidade como núcleo de atração teórica, desde, portanto, o contexto do seu anarquismo inicial, atmosfera ideológica que contendia com o aristocratismo e que seria, a partir de 1910, substituída pela adesão à democracia republicana, a que ficou fiel o resto da vida.

As primeiras referências à educação são anteriores a 1910, remontando a 1907 (cf. Coimbra 2004a, 2004b), ao período conturbado do passado revolucionário estudantil, quando, aluno da Academia Politécnica do Porto, participava em manifestações estudantis, como as que se fizeram contra a ditadura franquista no ano letivo de 1907-1908, e enchia com o verbo de tribuno nascente os comícios antiburgueses e libertários, clamando pela liberdade, pela fraternidade e melhor educação.

Entre 1907 e 1909, a sua figura destacou-se na paisagem social e política portuense pelos seus dotes oratórios. A educação impôs-se naturalmente ao seu espírito, já que também constituía um núcleo sociopolítico e cultural do interesse dos intelectuais entre a última fase da Monarquia Constitucional e os primeiros anos da I República.

Com outros jovens companheiros, foi Leonardo Coimbra tocado pelos ideais reformistas das instituições e da sociedade em geral, o que se consubstanciou, por exemplo, na criação, em 1908, do grupo «Os amigos do A.B.C», de que participaram, entre outros, Jaime Cortesão e Álvaro Pinto, cujo ideário tinha como objetivo a instrução e a elevação cultural do povo português, e que teve como principal arauto o jornal portuense anarquista *A Vida*. Os ideais reformistas haveriam de projetar-se na vida do filósofo, ganhariam voz em periódicos como *A Nova Silva* (1907) e *A Águia* (1910-1932), em movimentos culturais como a Renascença Portuguesa (1912) e em projetos educativos como os que se polarizaram em torno das universidades populares, nomeadamente a Universidade Popular do Porto, criada em 1912, e a Universidade Popular da Póvoa de Varzim, surgida nos fins de 1913, e onde o Mestre portuense lecionou, sendo desse período o importante tomo onde sintetiza o seu pensamento filosófico, que intitulou *O Pensamento Criacionista*, que deu à estampa em 1915, fruto daquele labor docente (cf. Coimbra, 2005).

Vale com interesse realçar a criação, no termo de 1909, já residia em Lisboa, para onde fora com a mulher e o filho na segunda metade do mesmo ano, do Grémio de Educação Racional (1909-1911), que tinha fundíssima inspiração na pedagogia do malogrado livre-pensador e pedagogo catalão Francesc Ferrer i Guàrdia (1859-1909), que surgia como reação ao seu fuzilamento a 13 de outubro de 1909, e que, referida aos princípios da Liga Internacional da Educação Racional da Infância, a que Ferrer presidira, tinha por ideário fundar «escolas modernas» em Lisboa e arredores, segundo o método da educação racional e feito o diagnóstico das deficiências do ensino vigente.

No território nacional, desde 1908 funcionaram escolas baseadas nos princípios de Ferrer e a imprensa libertária, como *A Vida*, promoveu a divulgação das ideias do pedagogo catalão. Leonardo Coimbra, em cujas primícias pedagógicas ressoam algumas analogias com Ferrer, nomeadamente o ensino livre da tutela do Estado e da religião, o anticlericalismo, a ilustração dos educandos pela ciência, a educação pela razão, para que cada ser humano seja capaz de autonomia e de raciocinar por si mesmo e emitir os seus próprios juízos, afastar-se-ia contudo da atitude antirreligiosa e ateia de Ferrer (cf. Domingues, 2003, p. 375), por professar um teísmo que não via incompatível com o anarquismo e cuja emoção religiosa balbuciou, desde os primeiros voos de pensador, a palavra «Deus». A pedagogia de Leonardo, se tem iniciais relações com a pedagogia libertária de Ferrer, sobretudo pelo ambiente anarquista, afastar-se-ia dela com a sua aproximação ao republicanismo, a partir de 1910, mas permaneceria fiel ao ideário iluminista ferreriano de que deve a educação trabalhar no sentido da autonomia da razão do educando e ser um veículo de liberdade. O estudo da teoria e da prática da educação em Leonardo Coimbra foi já feito na ainda insuperada obra de Patrício (1992), que continua a ser a principal referência no domínio, onde o autor estuda a evolução do pensamento pedagógico do anarquismo juvenil à maturidade do filósofo, num investimento de grande originalidade e fecundidade hermenêuticas. Seguir-se-iam estudos de menor vulto, mas importantes para quem queira aprofundar a pedagogia do Mestre português, como os de Caeiro (1999), Calafate (1994), Manso (2002 e 2013) e Domingues (2003). A minha atual investigação situa-se no âmbito dos fundamentos filosóficos da pedagogia criacionista e procura defender uma visão de unidade entre a filosofia de Leonardo e a sua reflexão em torno da educação, que visa a construção do que chamarei uma *paideia*¹.

2. A ideia de escola portuguesa

A ideia de escola portuguesa, pela qual veio a lutar o pensador nortenho, foi a de uma escola aberta ao princípio luminoso da vida, tal como a de Ferrer, contra pois os dogmatismos e o autoritarismo em métodos, pedagogias e doutrinas, para cujas convicções muito contribuiu o seu caso pessoal, aluno interno no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, que frequentou, em Penafiel, entre 1892 e 1898, e de que sentiu e ressentiu a disciplina austera e déspota, propensa à vigilância e à punição, de que expressou a memória em *A Alegria, a Dor e a Graça* (Coimbra, 2006a).

A ideia de que existe uma profunda articulação entre a filosofia criacionista e a teoria da educação que *O Problema da Educação Nacional* (Coimbra, 2010a) desenvolverá foi já criteriosamente interpretada por Francisco

da Gama Caeiro, que a tal propósito escreve: «[...] a reflexão de Leonardo sobre o problema da educação, partindo do fundamento teórico para o das proposições prático-organizativas, possui a coerência que decorre duma solidariedade intrínseca com a globalidade do seu pensamento.» (Caeiro, 1999, p. 74).

Noutras passagens de textos seus é possível retirar o retrato de uma escola fundada no princípio da liberdade criadora com uma pedagogia centrada no estudante, exaltante do entusiasmo e da alegria de viver dos educandos (cf. Coimbra, 2010a, p. 172), que vê na missão do professor a dedicação plena à formação integral de cada aluno. Neste sentido, o ideal pedagógico leonardino é personalista e espiritualista. Para o seu personalismo deve ter-se em linha de conta a reflexão filosófica sobre a pessoa e a mônada em *O Criacionismo*, de 1912 (cf. Coimbra, 2004l, pp. 316-317, pp. 287ss *et passim*), a teoria da razão e a concepção de liberdade sustentadas em *A Razão Experimental*, de 1923 (cf. Coimbra, 2009e), bem como a antropologia de *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, de 1935 (cf. Coimbra, 2012), obras que alimentam a ideia de que o ser humano é em sua essência uma liberdade criadora, ou inventiva, que cria e se cria e recria na história, nunca estanciando num termo de plenitude, que lhe *cousificaria* o ímpeto criador.

Não é, então, difícil perceber que Leonardo Coimbra nunca poderia aceitar qualquer pedagogia que não fosse orientada para a realização de cada pessoa, contra, pois, os métodos de massificação e da igualitarização estatística dos indivíduos, no sentido de que deve a pedagogia trabalhar para que a pessoa se realize inteiramente como ser físico, anímico e espiritual, proporcionando-lhe valores, agindo sobre vocações, cuidando de capacidades e interesses, formando consciências morais e cívicas, cidadãos empenhados no mundo e no país em que vivem. Por isso se deve meditar o alcance pedagógico desta afirmação de que «O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer» (Coimbra, 2004l, p. 20), cujo sentido dinâmico ecoaria nessa outra, mais tardia, de que «O homem parece um ser dado em natureza para que se reencontre e possua em consciência e liberdade» (Coimbra, 2012, p. 26).

A educação, sob o ponto de vista criacionista, surge como uma *poiética*, no sentido de que o homem é uma obra a fazer e no ato mesmo de fazer, pelo que a tarefa educativa nunca está concluída, projetando-se nas fases do segundo Leonardo escreve noutro texto: «Evocando as minhas recordações pessoais, direi que, num colégio onde estive, quase todos os padres eram ostensivamente ferozes e *sádicos* [...]» (Coimbra, 2004i, p. 239) Está também aí a explicação primária do anticlericalismo leonardino, que se exprime em certos textos (cf. Coimbra, 2004c e 2004i). projetando-se nas fases do homem, da infância à maturidade, no sentido da formação ao longo da vida, tal como é possível extrair das reflexivas páginas de *A Alegria, a Dor e a Graça*.

Sobretudo nesta obra, Leonardo dá-nos uma visão do que seja a evolução mental e espiritual da pessoa, a que necessariamente assiste um conceito de ser humano como obra de várias modelagens – da cultura, da educação, da sociedade – e como consciência autónoma e livre, crítica e reflexiva, que as domina.

Para a realidade efetiva dessa consciência deve determinar-se o trabalho educativo, agindo no sentido do «cósmico aperfeiçoamento» das almas (Coimbra, 2006a, p. 198) desde a mais tenra meninice. A pedagogia leonardina é criacionista no sentido de que visa o homem todo e porque tem dele um conceito de sujeito criador, de si próprio e do mundo onde está e age. Adquire valor cósmico porque tende para o conhecimento e a compreensão do homem nas suas relações universais com os outros homens, com o ser e com Deus. Uma pedagogia que visa o ser humano integral deve para Leonardo Coimbra abrir-se ao amor, à fraternidade, à tolerância e à dignificação da pessoa, e ser, em última análise, orientada pela realidade da pessoa. A essência da pedagogia criacionista está contida nesta afirmação, que bem poderia encimar, como apotegma, o pórtico da mesma pedagogia: «*Conhecer, compreender e não aniquilar!*» (Coimbra, 2006a, p. 20).

Contra o ódio, a violência, a intolerância, a educação deve pregar o amor, a paz, a tolerância; contra o egoísmo, o altruísmo; contra o solipsismo, a comunhão de vontades. Por isso, desde o seu ideário anarquista de juventude, Leonardo propõe ao ensino português uma mudança radical das pedagogias, nos métodos e nas atitudes, a completa passagem de uma pedagogia quantitativa, cujo centro está na transmissão enciclopédica de conhecimentos, a uma pedagogia qualitativa, centrada no estudante.

3. Uma paideia integral

A verdadeira educação é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de tornar-se criador. Por isso se irritava o pensador contra um ensino que não era mais do que uma «perfeita máquina de autómatos», quando a autêntica educação «deve ter em vista a criação do carácter, pelo acordo de todas as faculdades». Assim, a escola, exaltava-se Leonardo, «Deve criar pensadores e não eruditos, cérebros instrumentos de conhecimento e não cérebros depósitos de erudição» (Coimbra, 2004d, p. 129). Disse-o em 1909, e de certo modo o repetiria anos mais tarde, em 1926, ao defender que educar é cultivar liberdades criadoras da cultura (cf. Coimbra, 2010a, p. 153), e em 1933, ao amparar-se no ideal da existência de escolas de cultura (Coimbra, 2010b, p. 386).

O problema da teoria e da prática tem também a ver com o ensino reduzido ao empirismo e ao pragmatismo da técnica e da especialidade, que forma autómatos, eruditos e não homens de cultura. O filósofo olha para a teoria como a alma mesma da prática, não concebendo um ensino em que a prática se encontra desvinculada da teoria (cf. Coimbra, 2004j, p. 243; 2004m, pp. 395-396). Por isso, Leonardo lembra que «se admitirmos que a vida tem apenas o plano da ação e que o fabrico de técnicos é a principal missão da escola, a educação apouca-se para ficar apenas o ensino prático» (Coimbra, 2004m, p. 395).

Ora, o núcleo coordenador e substante da educação é a teoria com a qual a prática mantém relações íntimas e complexas, e tal é a sua importância que, em 1912, o filósofo a defendia como o núcleo mesmo da pessoa, que pela relação com a teoria é a pessoa criadora e livre (Coimbra, 2004m, p. 395). Antecipava assim de anos a ideia de que a pessoa é uma razão experimental, como viria a teorizar em 1923, em *A Razão Experimental* (Coimbra, 2009e), com

uma racionalidade aberta aos múltiplos planos da experiência humana, da ciência à filosofia, da razão à emoção, pelo que uma pedagogia adequada urge que haja que seja sensível a esses planos, que são também os da existência.

No texto que considero (cf. Coimbra 2004m, pp. 395-396), e onde vejo essa antecipação da razão experimental, a teoria não é só «a prática mediata no seu mais intenso grau coordenador», pelo qual «o homem possui a previsão e domínio material e espiritual», mas é também «o núcleo do homem livre, ou pessoa, que na sociedade *coopera* com as outras pessoas, [...] moralmente e economicamente» (Coimbra, 2004m, p. 395).

Afirmando-o, aparecia já com característico significado a ideia de que é o homem uma razão experimental, seja uma razão social estabelecendo o tecido de relações com outros, aí agindo com e reagindo às alteridades. O mundo é obra sua. Como, pois, entender uma pedagogia vítima de um chão empirismo e de uma prática sem a orientação filosófica superior da teoria? A racionalidade que está no fundamento da pedagogia criacionista é a da razão experimental, razão «dinâmica, criacionista, progressiva» (Coimbra, 2009e, p. 281), para a qual a teoria e a prática não existem por oposição, mas em relação de complementaridade e para o dinamismo de uma razão de que são efetivas expressões. É, aliás, esta linha de uma complementaridade entre teoria e prática que adjudica ao filósofo a defesa de que não há oposição entre o juízo lógico e o juízo moral, ou entre ciência e consciência, pois que promanam da mesma fonte ôntica que é a pessoa. O saber deve exercitar-se na união judicativa da racionalidade científica com a racionalidade moral, o que está inscrito na matriz e do que seja a razão experimental. Neste sentido, o criacionismo viu na educação a ação de educar para a pessoa, reivindicando ser a verdadeira educação aquela que se determina no sentido de *dar o homem a si mesmo* (cf. Coimbra, 2004e, p. 195), seja o de revelar o homem ao homem, pelo que é humanista a visão pedagógica de Leonardo.

O trânsito deste humanismo e da antropologia que lhe está na base culminam no texto de *O Problema da Educação Nacional*, de 1926, que o autor apresentou, a 26 de abril daquele ano, ao congresso do MED (Movimento da Esquerda Democrática), para cujas fileiras entrara em 1925. A compreensão deste livro vive substancialmente do percurso intelectual do filósofo até à obra *A Razão Experimental*, pelo que não é difícil nele descortinar a disposição geral do seu personalismo, que *O Criacionismo* definiu, e de uma pedagogia cuja filosofia a orienta para uma concepção integral do homem e do humano.

De toda a obra leonardina, é *O Problema da Educação Nacional* (cf. Coimbra, 2010a) aquela onde mais detidamente se dedicou o filósofo à questão educativa e para onde refluí toda a reflexão que dispersou pelos textos entre 1907 e 1923 (cf. Coimbra, 2004a-2004m; 2006a-2006b; 2007; 2009a-2009d). A sua orientação para uma escola onde seja central a alegria de viver, uma escola que seja um hino à vida, nota-se imediatamente quando, operando no diagnóstico dos males do ensino liceal nacional (também do ensino primário), apontava serem os programas um «verdadeiro estupro intelectual» pela carga de conhecimentos e de horas de trabalho, saindo os estudantes da escola, «em regra, tristes, fatigados, sem a alegria de viver que é, no homem, a alegria de *compreender*, incapazes de reacções vitais, criadoras e entusiastas». E lançava o pensador esta interrogação dramática: «Onde fica a saúde, a graça, a alegria, uma hora para a meditação, para a vida interior da imaginação, que é a base da

invenção, ou da inteligência, clarificando e ordenando?» (Coimbra, 2010a, p. 172).

Leonardo Coimbra não teria redigido aquela passagem se não houvesse escrito *O Criacionismo, A Alegria, a Dor e a Graça* e *A Razão Experimental*. Nada existe aí de contraditório com uma pedagogia que exalta os valores vitais do existir humano, que está atenta à relação poderosa das sensações com uma realidade de que elas fazem a experiência, que atende à imaginação criadora e a uma inteligência experimental, isto é, lógica e emotiva, a que Manuel Ferreira Patrício houve por bem chamar *razão poética* (cf. Patrício, 1992, pp. 615-616, e Pimentel, 2019, pp. 202-203) para atender à dupla face da razão experimental, racional e afetiva ou positiva e mística. Há de ver-se naquela reivindicada alegria, naquela graça, que os estudantes devem viver, mas que não vivem na escola atual, a inspiração dos núcleos de realidade que compõem o ternário que titula o livro *A Alegria, a Dor e a Graça*, e que nesta obra influem no conceito de uma existência humana cuja vida mental, intelectual e espiritual evolui, desde a alegria original da infância à dor do conhecimento e desta à graça, que é uma nova posse da alegria, agora a letícia sábia do homem que conhece, que pensa, que se põe no seio das relações e valores universais, inteligência aberta à comunicação, à solidariedade e à fraternidade.

A atenção à imaginação mostra o quanto o pensamento leonardino sobre a educação está empenhado numa pedagogia que integre a atividade artística, aproximando-se aqui de Platão, que propunha «que às crianças sejam dadas as seduções das artes para que a sua alma se vá afeiçoando pelas ideias que elas representam» (Coimbra, 2006a, p. 100).

Álvaro Ribeiro (1977-1980, vol. I, pp. 84-85) reconheceu, a este propósito da arte, quanto tem de interesse pedagógico a reflexão de Leonardo sobre a formação estética das crianças. De fato, o Mestre português defende que «A primeira educação deve ser artística, e as próprias virtudes morais só podem ser dadas à criança pelas implícitas intimações de harmonia estética» (Coimbra, 2006a, p. 101).

A visão superior de Leonardo sobre a educação, se se exprime no ensino pela arte, também se manifesta na integração harmónica das ciências do espírito com as ciências da natureza, que, aliás, com a filosofia, dariam a formação dos professores de diferentes níveis de ensino (cf. Coimbra, 2010a, pp. 174-175).

A exigência da filosofia no ensino é também um dos aspetos que cumpre realçar, pois que ela é considerada capital no conjunto de processos de formação do aluno, já que a filosofia é o grau teórico mais alto do espírito, o órgão da liberdade (como a considera em *A Razão Experimental* [cf. Coimbra, 2009e, pp. 19, 24-25, 28, 33 e 62]), e necessária ao desenvolvimento do espírito da cultura (cf. Coimbra, 2010a, p. 175).

Ao verificar a importância da filosofia para a educação de crianças e jovens, o pensador português intuiu-a como um elemento nuclear de desenvolvimento de matérias curriculares e pedagógicas. Veja-se, por exemplo, o que se sublinhou já quanto às valências filosóficas da estética na aprendizagem, incluindo a dos valores morais. Não se trata de afirmar que Leonardo Coimbra antecipou de anos a experiência da filosofia com crianças e jovens, que se verificou a partir de Matthew Lipmann (1923-2010), já na segunda metade do século XX, mas de sublinhar uma intuição do filósofo português sobre

o benefício da reflexão filosófica para o raciocínio, o espírito crítico e a autonomia da razão.

Tudo isso faz notar que a educação para Leonardo Coimbra tem uma finalidade última, que consiste em criar cultura. Criar cultura, como eu interpreto, é levar ao máximo as unificações de sentido de que a inteligência humana é capaz. A filosofia consiste no saber que eleva a cultura ao grau maior das suas possibilidades universais. É precisamente isso que se exprime na convicção de que o homem é uma liberdade criadora da cultura, pois que esta resulta da cooperação de todos os indivíduos sociais (cf. Coimbra, 2010a, p. 153), a que, portanto, assiste uma razão social, comunicativa e de convívio, que é a garantia mesma do universalismo das formas de cultura, aí incluindo a ciência e mais genericamente o conhecimento.

A filosofia, a par da ciência, da arte, da técnica, da religião, é uma forma de cultura (cf. Coimbra, 2010a, p. 152), mas só ela é que é capaz de levar as relações das outras à máxima universalidade, integrando-as no jogo de sentido que constitui a existência humana. Assim interpreto a afirmação de Leonardo de que a filosofia se mostra «necessária ao desenvolvimento do espírito cultural» (Coimbra, 2010a, p. 175). É ainda isto que se pode extrair de *A Razão Experimental*, que no trabalho da filosofia observa a missão de levar as outras formas de cultura ao universalismo do conhecimento, humanizando os dados da ciência e a técnica, reagindo pela beleza e pelo sentimento religioso às formas verídicas da relação das existências humanas com o ser e, em última análise, com Deus (cf. Coimbra, 2009e, p. 35).

De tudo resulta que não estamos em face de simples pedagogia. Álvaro Ribeiro lembra-nos que a palavra *pedagogia* é limitada na sua aplicação e que «Falar de pedagogia em relação aos adolescentes, ou até aos adultos, é praticar um contrassenso linguístico, revelador da intenção criminosa de manter o homem em minoridade» (Ribeiro, 1977-1980, vol. I, p. 84). Nada mais acertado para o caso de Leonardo Coimbra, onde a pedagogia não se limita à criança e à infância, mas abrange as fases da existência do ser humano, do nascimento à senescência e morte.

A pedagogia leonardina ganha em ser vista como *paideia*, enquanto filosofia do homem integral, homem que, segundo um princípio iluminista que a influencia, quer levar das trevas da ignorância à luz, libertá-lo da minoridade.

Assim, se pelo uso generalizado classificarmos a posição educativa de Leonardo de pedagogia, há de observar-se que tal uso é limitado e redutor, e que lhe convém o sentido mais amplo, mais verdadeiro e menos equívoco de *paideia*, na acepção de que a Leonardo interessa menos o ensino da escola e do programa do que a fundamentação filosófica de todo o ensino (cf. Marinho, 1976, p. 100).

Neste mesmo sentir embarca Manuel Ferreira Patrício ao propor que a pedagogia leonardina é, em verdade, uma *antropogogia*, valendo este conceito «por uma concepção espiritualista integral do ser humano e da humanidade do homem», que tem «o seu esteio numa ontologia que, sob o impulso da vida do espírito, é a única instância de saber capaz de satisfazer a visão do homem e da sua humanidade a partir do fundamento» (Pimentel, 2019, p. 202).

O que é possível designar como a filosofia da educação criacionista é a visão que tem por centro uma ideia integral do ser humano, que é uma racionalidade simultaneamente lógica e afetiva, que vive em cooperação com outros, que exige do educador a responsabilidade ética de agir no sentido da sua perfeição como pessoa e cidadão. Compreende-se perfeitamente que os ideais educativos da *paideia* de Leonardo Coimbra rejeitassem a orientação da escola para uma formação educativa de cariz técnico e pragmático, defendendo, ao contrário, uma orientação fundada numa teoria dos fins da cultura, cuja matriz se inspira na formação integral do homem.

Referências bibliográficas

Caeiro (1999), Francisco da Gama, «Os fundamentos da educação na filosofia de Leonardo Coimbra», in **Dispersos**, vol. II, organização de Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 65-75.

Calafate (1994), Pedro, «Filosofia da educação e reforma do ensino na obra de Leonardo Coimbra», in AA.VV., **Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra**, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, pp. 39-46; Coimbra (2004a), Leonardo, «Professores» [*Nova Silva*, Porto, ano I, 5 (10.04.1907)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 104-105.

— (2004b), «As matrículas» [*Azorrague*, semanário dos Estudantes Intransigentes, Porto, ano I (05.06.1907)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 106-107.

— (2004c), «O padre liberal» [*A Vida*, Porto, ano V, série II, 3 (17.01.1909)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 125-126.

— (2004d), «O pensamento e a liberdade» [**A Vida**, Porto, ano V, série II, 4, 6 e 9 (24.01.1909, 07.02.1909 e 28.02.1909, respetivamente)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 127-134.

— (2004e), «Sobre educação» [*A Águia*, Porto, ano I, 1.ª série, 1 e 5 (01.12.1910 e 01.02.1911)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 192-199.

— (2004f), «Estudantes e operários» [*A Alma*, Porto, ano I, 2 (05.12.1910)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 200-201.

— (2004g), «A reforma do ensino» [*A Montanha*, Porto, ano I, 14 (16.03.1911)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 231-232.

— (2004h), «Uma conferência de Leonardo Coimbra na festa do Sindicato dos Professores Primários» [*A Montanha*, Porto, ano I, 33 (07.04.1911)], **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p.403-406.

- (2004i), «O padre e a educação» [*A Montanha*, Porto, ano I, 38 (14.04.1911)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 237-239.
- (2004j), «A reforma do ensino secundário» [*A Montanha*, Porto, ano I, 66 (17.05.1911)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 242-244.
- (2004l), «O Criacionismo: Esboço de um sistema filosófico» [1912], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 9-378.
- (2004m), «O problema educativo» [*A Vida Portuguesa*, Porto, 3 (30.11.1912)], in **Obras Completas: 1903-1912**, vol. I, t. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 394-396).
- (2005), «O Pensamento Criacionista» [1915], in **Obras Completas: 1913-1915**, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 177-295.
- (2006a), «A Alegria, a Dor e a Graça» [1916], in **Obras Completas: 1916-1918**, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 41-201.
- (2006b), «A educação religiosa» [*A Águia*, Porto, vol. XI, 2.^a série (janeiro a junho de 1917)], **Obras Completas: 1916-1918**, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 207-211.
- (2007), «No Centro Republicano Democrático: Uma brilhante conferência do Dr. Leonardo Coimbra» [*A Tribuna*, Porto, ano I, 288 (25.03.1921)], in **Obras Completas: 1919-1921**, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 482-484.
- (2009a), «A Universidade Popular do Porto» [*A Águia*, Porto, 3.^a série, vol. I, 5 (novembro de 1922)], in **Obras Completas: 1922-1923**, vol. V, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 158-163.
- (2009b), «[Entrevista sobre a questão do ensino religioso]» [*O Primeiro de Janeiro*, Porto, ano LV, 5 (06.01.1923)], in **Obras Completas: 1922-1923**, vol. V, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 216-224.
- (2009c), «[Entrevista sobre os fundamentos da educação religiosa]» [*Diário de Notícias*, Lisboa, ano LX, 20 (08.02.1923)], in **Obras Completas: 1922-1923**, vol. V, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 225-229.
- (2009d), «[Entrevista sobre a questão do ensino religioso às crianças]» [*O Primeiro de Janeiro*, Porto, ano LV, 8 (10.01.1923)], in **Obras Completas: 1922-1923**, vol. V, t. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 230-236.
- (2009e), «A Razão Experimental: Lógica e metafísica» [1923], in **Obras Completas: 1922-1923**, vol. V, t. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 11-298.
- (2010a), «O Problema da Educação Nacional» [1926], in **Obras Completas: 1924-1934**, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p.149- 181.
- (2010b), «O problema do ensino secundário» [*Comentário*, Porto, ano I, 2 (10.12.1933)], in **Obras Completas: 1924-1934**, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 383-388.

— (2012), «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre» [1935], in **Obras Completas: 1935**, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 21-388.

Domingues (2003), Joaquim, «Coimbra, Leonardo José», in AA. VV., **Dicionário de Educadores Portugueses**, direção de António Nóvoa, Porto, Edições Asa, pp. 374-382.

Manso (2002), Artur, «Leonardo Coimbra e *O Problema da Educação Nacional*, in **Teoremas de Filosofia**, Porto, 5 (Primavera de 2002), pp. 33-46.

— (2013), «A pedagogia de Leonardo Coimbra e seus discípulos», in AA. VV., **Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**, Braga, Universidade do Minho, pp. 2130-2148.

Marinho (1976), José, **Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo**, Porto, Lello & Irmão Editores.

Patrício (1992), Manuel Ferreira, **A Pedagogia de Leonardo Coimbra: Teoria e prática**, Porto, Porto Editora.

Pimentel (2019), Manuel Cândido, **Leonardo Coimbra: Vida e filosofia**, Lisboa, Universidade Católica Editora.

Ribeiro (1977-1980), Álvaro, **Memórias de um Letrado**, Lisboa, Guimarães Editores, 3 vols.

Abstract: This paper attempts to show the philosophical foundations of educational theory and practice in Leonardo Coimbra. He argues that his philosophy of education is humanistic and personalistic and is based on a *paideia* that aims at the integral education of human being.

Keywords: Education, Culture, *Paideia*, Creationism